

Notas Rubras

Partida de soldados

Na manhã de segunda-feira ultima abalou desta cidade o 3.º batalhão de infantaria 18, que faz parte da nova expedição militar que se destina a Angola.

Sórego de comissões fortes e também no desejo de colher impressões, fui assistir á partida desses soldados.

Mulidão enorme, apesar da hora matinal em que os expedicionarios marcharam para a estação, atulhava as ruas próximas de Campanhã. Todavia a grande affluencia de curiosos não imprimia grande entusiasmo ao desfile das tropas...

Quase ao partir do comboio consegui entrar na gare. Foi dolorosa a impressão que recebi no momento do arranço da locomotiva.

De nada valiam as notas vibrantes duma banda musical que amiude vinha tocando para alegrar aqueles peitos amargurados... Quando o comboio começou a deslizar vagarosamente os gritos de dor e de despedida abafavam a patriótica manifestação que alguns faziam aos militares.

Poucos eram os olhos que se viam enxutos. Muita gente, principalmente as mulheres—compleições mais sensíveis—choravam, alcançadas, a ida para a guerra dum filho, ou dum irmão, ou do esposo. Algumas caíram desmaiadas. Uma jovem mulher do povo bradava, angustiada—Ladrões! roubaram-me o meu homem para a morte! estava casada ha dois meses... «E como ésta, muitas mais imprecações se ouviam e muitas outras scenas comovedoras se davam...

E o comboio, nessa manhã de sol e de lagrimas, continuou avançando lentamente até se perder de vista, enquanto muitos dos desditos soldados, empoleirados ás janélas, com as cabeças unidas umas sobre outras, diziam um adeus enternecido—talvez o ultimo—aos seus entes queridos e lançavam olhares saudosos á terra onde ardentemente aspiravam regressar...

Pela gare prosseguiram as lamentações contrangedoras...

Ah! malditos sejaís vós, todos aqueles que fomentais as guerras entre povos irmãos, arrancando para a morte, do trabalho fecundo e dos carinhos das familias, milhões de seres cheios de vida e de mocidade!

Confraternisação de inimigos

Um jornal diario publicou uma curiosa e significante informaçao, acompanhada duma gravura, sobre episódios de confraternisação na véspera de Natal, entre soldados alemães e ingleses que se encontram na linha de fogo. Um soldado alemão descreve esse facto da seguinte forma, num trecho duma sua carta:

«Na véspera do Natal, á tarde, depois d'um momento de sossego, ouvi

mos de repente uma gritaria do lado dos ingleses. Salimos á medo das nossas tocas e vimos com surpresa os ingleses cantando hinos e avançando para nós, desarmados, e acenando com lenços, toalhas e cigarros. Percebemos logo que se tratava d'um armistício do Natal e fomos meio caminho ao encontro deles. As nossas trincheiras estavam apenas a 200 metros. Os officiaes dambos os campos assistiram impassiveis a este armistício. Seguiu-se a troca de cigarros, charutos, guloseimas e outras coisas. Depois entraram em acção as maquinas fotograficas.

«Os ingleses arranjaram logo um match de foot-ball. Ao cair da tarde voltou cada um para o seu esconderijo, mas não sem antes terem todos empunhado a sua palavra de honra de que durante tres dias não se dispararia um tiro nos dois campos, devendo passar-se palavra á artilharia que estava mais na retaguarda de ambos os campos. Foram tres dias de paz na guerra. Foi pena que não fosse a paz definitiva.»

Que penal digo eu tambem, que esses soldados, amigos por momentos, não compreendessem a verdadeira solidariedade humana e prolongassem infinitamente aqueles breves dias de confraternisação, pondo termo a éssa guerra bestial em que se trucidam barbaramente, ferinamente...

C. RODRIGUES.

Ultima Voluntária

Um colaborador de La Libre Pensée, de Lansana, cita o interessante caso de um estudante curdo, que sempre manifestara ólio ao governo turco, opressor e assassino do povo curdo, e ardentes simpatias pela França e Inglaterra, partir agora a combater pela Turquia, logo que esta entrou na conflagração!

O alludido colaborador faz primeiro notar a suggestão enorme exercida por uma declaração de guerra, e tira do caso as seguintes conclusões:

«O Curdistão, que possuía apenas algumas dezenas de homens instruidos, capazes de dirigir a massa inculta, de a conduzir á melhores caminhos, a uma cultura própria, a uma produção nacional que a elevasse acima da miséria actual, o Curdistão té-lo há perdido, permanecerá bárbaro, dominado por turcos incapazes de governar, e será mais tarde ou mais cedo incorporado, apesar de tudo, no império russo.

«...Porventura essas centenas de milhares de voluntários—cujo número, igual nos dois campos, se contrabalançará—procedem como verdadeiros patriotas sacrificando a sua existência e todo o bem que mais tarde poderiam fazer?»

Este raciocínio, feito sob o ponto de vista nacionalista, com mais razão se poderia applicar ao caso dos revolucionarios sociais, fermento necessário da massa operária—á parte as outras considerações, de ordem teórica ou prática. Os revolucionarios sociais toem uma tarefa bem própria, bem importante e bem absorbente.

Uma carta de Merrheim

Liebknecht não fez tudo o que desejariamos fizesse? Começou mesmo por uma ablição, por se deixar arrastar na corrente imperialista? E' provável. Mas dada a sua qualidade de deputado e de social-democrata, muito fez elle; e quando vemos revolucionarios antiparlamentares criticarem a social-democracia... imitando-a, fazerem causa comum com o seu imperialismo nacional, com os patões e governantes, cairem no logro da «guerra de libertação», temos razões para achar corajoso o acto do social-democrata alemão.

James Guillaume, guerrista entusiasta, não é desta opinião. Acha que Liebknecht votou e clamou não agora por ser maior o perigo e porque o governo alemão affrontou a repressão, tendo interesse em ver a sua social-democracia reabilitada nos olhos dos países neutros! O acto de Liebknecht, refazendo uma virgindade á social-democracia, poderá facilitar a tarefa dos embaixadores germânicos! A este propósito, na *Bataille Syndicaliste* de 9 do corrente, Merrheim publica a seguinte «carta aberta» ao «Velho da Velha» (Guillaume):

«Só esta manhã, 7 de janeiro, é que li o vosso artigo da B. S. de ontem. Não há muito, quando chamáveis os sindicalistas francezes aos princípios da Internacional de Bakunine e de Marx, defendi-vos vigorosamente no meu meio contra os que taxavam de inoportunos—para não dizer mais—os vossos continuos chamamentos ao passado e á essência mesma do nosso movimento sindicalista;... já não ouse escrever revolucionário.

Essa attitude impõe-me o dever de arguer hoje o meu protesto indignado e público contra o vosso artigo de ontem.

Longe de mim a idéa de vos contestar o direito de discutir o acto e as declarações de Karl Liebknecht. Mas que, apoiado pela vossa autoridade, o vosso ódio pessoal a Marx vos tenha levado e assimilá-los a uma cobardia, aliada a uma complicitade consciente, se não táonta, com a politica do governo alemão e do seu Kaiser, eis o que me parece odioso e o que me revolta a consciéncia de trabalhador e de militante.

Só o meu humilde respeito pela vossa longa vida de desinteresse, labor e dedicacão á Internacional operária me impede de qualificar mais duramente o vosso artigo. Limitar-me hei simplesmente: A renovar a expressão da minha admiracão sincera a Karl Liebknecht, pelo seu gesto e corajosa declaracão de 2 de dezembro;

A repetir, com toda a força das minhas convicções, que teria sido uma honra imparecível para a C. G. T. francesa ter dito antes dele ou com elle: «Que os proletariados de todos os países devem realizar, mesmo no decorrer desta guerra, um esforço socialista pela paz;»

A dirigir-vos a lembrança duma respeitosa simpatia, dolorosamente magoada e entristecida por causa do vosso artigo, no qual o ódio pessoal dominou o simples bom senso e a justiça.»

A CARESTIA DA VIDA Comicio de Protesto

Efectuou-se, como noticiamos, no passado domingo mais um comicio de protesto contra a desmedida especulação dos comerciantes, no visinho concelho de Gaia. A meza foi composta pelos camaradas Antonio Teixeira, Frederico Guilherme Jobling e Aurelio da Cunha Guimarães. Depois de mostrado os fins do comicio, falaram os camaradas Cesar Domingues d'Almeida, Augusto Martins d'Oliveira, Julio Ferreira de Matos, Manoel Francisco da Pinho, Virgilio Martins e José Alves, expondo todos ao povo os truces de que se valem os comerciantes para levar a cabo a sua especulação, e mostrando a necessidade de seguir com os comicios de protesto contra os gatunos do povo.

Foi tambem aprovada esta mocção: Considerando, que a conflagração europea deu origem a que muitos desmandos se pratiquem da parte dos especuladores; Considerando, que os comerciantes, para complemento da obra de devastação humana, apoiados na conflagração europea, tendo como proposito e não como motivo essa carnificina humana, roubam descaradamente o povo faminto, aumentando especiosamente e sem motivo, o preço a todos os generos respeitantes á alimentacão;

Considerando, que neste momento, os senhores, (parece que de mãos dadas com os comerciantes, e auxiliados pelo Estado) e para completar a miséria do povo trabalhador, amagam de pôr na rua os inquilinos que não tem satisficão os seus alugueis, pois que o oprimito, não trabalhando, não ganha para se alimentar e difficilmente pode atender ás vontades dos senhores;

Considerando, que a par desta febre guerrreira, e em face da especulação dos comerciantes, só o povo trabalhador é sempre e eterno sacrificado;

- O Povo de Comahões, reunido em comicio publico, resolve: 1.º—Protestar contra esta carnificina em que se batem quase todos os povos da Europa, não em prol da sua liberdade e da sua emancipação, mas no exclusivo interesse do estado e dos capitalistas; 2.º—Reclamar que sejam suspensas neste momento as ordens de despejo-consignadas na lei do inquilinato, atendendo ás difficuldades do povo trabalhador, que se acha a braços com a miséria, não podendo satisfazer os seus compromissos; 3.º—Levar á pratica um movimento de protesto mais enérgico, contra os gananciosos commerciantes, além de pôr cobro a esta orda de mercenários; 4.º—Quando não se tomem medidas contra a ganancia commercial e usura dos senhores, em prol do povo trabalhador, o povo deve enunciar-se na disposição, assim o exigido as suas necessidades, de justar contas directamente com os seus especuladores. Gaia 17—1—1915.

A Comissão contra a Carestia da Vida, de Gaia,—na sua reunião de 19 do corrente resolveu officiar a todas as Associações operarias locais, para enviarem um delegado a uma reunião que será annunciada, e onde se deverá resolver o caminho a seguir,

Conferencia

Na séde do Nucleo Juventude Sindicalista de Lisboa, realisa-se, hoje, ás 21 horas, uma conferencia soburdinada ao tema: «Sindicalismo e Anarquismo em suas relações com a questão operaria e com o problema social.»

Fins... ocultos

Muito curiosa a missiva que o militante socialista Luiz Candido Pereira endereçou ao actual governador civil do Porto. Ha ali coerençia a potes de mistura com graxa ás arrobas.

Lendo-a, qualquer criatura de mediana intelligencia, encontra-lhe logo duas faces: ou o pobre diabo entende que com ela conseguirá aumentar os seus esforços em prol da causa que defende, collocando-se de cócoras perante S. Ex.ª,—que diga-se de passagem, não terá duvida nenhuma em mandar-lhe aplicar uma boa dose de chanfalhadis no caso ddele, na sua propaganda, sair fora da legalidade existente; ou então anda a fazer o seu joguinho a um emprego, já que os da Casa do Povo sistematicamente lho negam...

No que dão certas criaturas que tem a grande virtude... de quere-rem agradar a deus e ao diabo.

Mis será aquilo coerençia? Talvez. A gente quanto mais vai indo mais vai ouvindo.

Um socialista a engraxar uma autoridade republicana... Porque a graxa é dada, sobretudo, á autoridade. Compreendem?...

Biblioteca A VIDA

Mais uma vez lembra a todos os agentes e demais camaradas que tenham vanlido livros e livros de que esta Biblioteca é responsavel, a breza de saldarem o mais breve possivel as suas contas para não ser prejudicada a sua acção de propaganda e mesmo para satisfazer os compromissos tomados com outros grupos e casas e litoras.

Assim, espera que todos os individuos a quem se diliger cumpram o seu dever para bom andamento do trabalho e para bem da propaganda. G. M. Alves, secretario.

Jornais novos.

Visitaram-nos mais os novos bem redigidos semanarios—O Facho, de Beja, O Trabalho de Guimarães, e o brilhante hebdom-dario Accion Libertaria que se publica em Jijon e que reaparece agora pela quinta vez. Longa vida.

«A Florescente»

No passado domingo effectuou-se a annunciada conferencia pelo camarada Sobral de Campos, que entusiasmou a numerosa assembleia Referiu-se ao ensino racional e á alimentacão das crianças, explicando detalhadamente a sua pessima procreação e qual, na sua maneira de ver, a forma de as educar, aproximando-as tanto quanto possivel da natureza, etc.

Hoje realizar-se ha a 4.ª conferencia, pelas 20 horas, sendo conferente o camarada «Antonio Henriques».

Folhetim de «A AURORA» (1)

GEO PISTRE

O ANSINHO

Em 1815, em Castelo-velho. no Baixo Languedoc, por uma tarde quente de junho, Celestino Bélugou, o sapateiro da aldeia, batia sola na sua loja, quando de súbito o importunou por trás uma voz estrífula. Reconheceu á da mulher, a Vitória, uma esguia criatura séca, angulosa e escura, espantallo do Celestino.

—Então? onde tens os ouvidos? —Que é? disse o Bélugou, voltando-se.

—Então tu não ouviste o guarda, ainda agora, ali na praça, chamar os homens validos á administração? É preciso repeler a esquadra inglesa que vai invadir-nos.

—A esquadra inglesa, aqui, em Castelo-Velho?

—Sim, em Castelo-Velho, está vistol Vamos, mexe-te, tu és válido.

E o Celestino, que o era e que tinha mais medo á mulher do que a todas as frotas do mundo reuni-

das, saiu precipitadamente, deixando cair das mãos o linhol ejo cerol.

Quando chegou á casa comunal, que regurgitava de gente, começava o sr. administrador a falar:

Parecia que a gravidade da situação não tinha ainda impressio-nado o auditorio, que zumbia como uma colmeia. Convém notar que, nessa turva época da nossa história, estavam todos habituados, havia muito tempo, ás repentinas mudanças de scena da politica, ás guerras e ás revoluções.

O sr. administrador, empoleirado em cima dum estrado, no fundo da sala, tinha um trabalho para obter silencio.

—O caso é este, dizia elle: a França—cala-te lá, ó Bernardou—á França é invadida por vários pontos ao mesmo tempo. Navios de guerra—isto causa-te riso, Ismael? pois a mim não!—barcos de guerra ingleses andam a yogar ao longo da costa, procurando um canto—silencio!—um canto propicio ao desembarque. Como a comuna é limítrofe do mar, é justamente a esse desembarque que o sr. prefeito me pede que obste por todos os meios, se for tentado no território de Castelo-Velho. Os de Castelo-Baixo que

se arranjam com o pulerem; acho que havemos de ter bastante que fazer por cá. Ordeno, pois, a todos os homens validos que se armen...

—Mesmo os casados? arrescou brandamente o Celestino.

—Pois que dúvida? respondeu-lhe o administrador, furioso; cuidas que são de mais, quando a patria está em perigo?

Assembleia voltou-se para o Celestino e crivou-o de piadas.

—Basta! berrou o administrador, engrossando a voz; estão aqui todos os homens validos?

Todos se miraram. A rapaziada de Castelo-Velho estava ali toda. Lá estavam até todos os estropiados da aldeia e garanto-vos que não eram elles os menos exaltados. Ah! os ingleses tinham que tomar cuidado.

Havia ordem de explorar a costa até ao alvorecer, e a dúzia de cidadãos, entre os quais o nosso Bélugou, designados pela sorte para fazer o reconhecimento, tinham-se agrupado em volta do seu chefe Zidoret, de noite. Para dizer a verdade, nenhum deles fora já mais soldado; mas eram todos camadores, pois todos mais ou menos o são em Castelo-Velho. Só Zi-

doret é que fizera a campanha de Espanha, e era por causa disso que o haviam encarregado de comandar a expedição nocturna.

—Nada de escardecá, recomendo elle aos seus soldados, ou estamos arranjados. Somos batelores, e de mais á mais de noite. Mas isso na cabeça. Não ser visto, nem ouvido—essa é que é a minha divisal Depois, virando-se para o sapateiro, que, áquella hora tardia, gostaria mais de estar longe daquelle campo cheio de sombras e vagos inimigos:

—Fu, Celestino; vai adiante, e se vires coisa suspeita recua para o nosso lado. E sobretudo não te esqueças da minha divisa.

Estava aferrado á sua divisa, o raio do Zidoret!

Era a hora parda do desfalecimento, em que o corpo, alquebrado de fadiga, faz movimentos automaticos e em que os olhos, cheios de sono, dão ás formas indecisas das coisas contornos alucinatórios.

Com o dedo no gatilho da escopeta, de olhar á espreita, a passinhos mudos, o Bélugou avançava, suspirando um pouco, por entre a erva alta dos prados em tempo de segadura. O mar, sobre o qual se

entornava um nadinha de luar, ria sinistramente, como um velho doido. Celestino sentiu um arrepiol ao longe, vagamente, apareceu o vulto dum navio.

De repente, o nosso sapateiro estacou, gelado de espanto: a poucos passes dele, acabava de surgir uma linha de atiradores. Pareceu-lhe mesmo que alguns lhe faziam sinais. Contudo, o inimigo não saía do sitio. O Celestino queria duvidar, a seu pesar, quando viu avançar a passos largos um tringalhadas ingleses. O instinto da conservação restituio a Bélugou o uso das pernas e da palavra: largou o prontamente a espingarda, deitou a correr para o lado dos seus camaradas, gritando:

—At! veem eles! At! veem eles! Zidoret teve então um dito histórico. De longe, tentou deter a fuga desvairada do batador, dizan-lhe:

—Não cedas, Celestino! agüenta-te! que a gente vai buscar reforço!...

E proferidas estas sensatas palavras, os onze deram meia volta com notavel concordância e puseram-se ao fresco, velozes como lobres. (Continua)